



Director literario:

Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



ECORRIDOS dez anos, na Aldeia de Paio Pires e no mesmo local onde outrora existira uma modestíssima casa — a antiga habitação de Tio Anastácio e Ti'Ana — via-se, agora, uma aparatosa vivenda, cercada de trepadeiras, entre um jardimzinho gradeado, dominando uma imensa vastidão de searas loiras, que, ao sabor da aragem matutina, semelhavam a superfície irrequieta de um oceano de fogo.

A' porta, sentada numa cadeira de palha, pintada de verde, junto a um berço vazio, também de palha, uma formosa rapariga de cabelos castanhos e olhos verdes, forte, corada, trasbordando mocidade e frescura, toda vestida de preto, dava de mamar a uma criança loira, de poucos mezes, para quem sorria, ora falazando, cochichando sózinha, ora cantarolando alegremente.

De súbito, erguendo os olhos, deparou com um distinto rapaz de insinuante expressão, vestido de escuro, com chapéu mole, cinzento, e polainas da mesma cor, segurando, numa das mãos enluvadas, uma pequena mala de viagem.

Notando-lhe uma certa indecisão e, vendo-o a olhar fixamente o grupo, timidamente inquiriu:

— «Deseja alguma coisa?...

— «Sim, minha senhora, — (respondeu o interpelado) — desejava saber onde reside agora o antigo proprietário desta casa, o senhor Anastácio Cardozo?!»

— «Ah, o Tio Anastácio?...»

— «Exactamente, o Tio Anastácio.»

— «Morreu há quatro mezes. Esta casa pertence hoje a seu sobrinho Pedro, meu marido,

— «Ah! — (murmurou surpreendido o recém-vindo, tirando o chapéu e fazendo ligeiramente o sinal da cruz) — E Ti'Ana?...»

— «Essa morreu também, ha cinco anos. Conhece o meu marido?»

— «Muito bem, minha senhora. Como se chama o seu pequenino?»

— «Paulo, Paulito, que é como nós o tratamos.»

— «Tem graça! E onde estará agora seu marido?»

— «Deve estar na Hidráulica.»

— «Na Hidráulica?!...»

— «Sim; na Moagem, na fábrica. Como se chama o senhor?»

— «Vossa excelência disse, há pouco, o meu nome. Paulo. Paulito! Era assim que dantes me tratavam!»

— «Oh — (exclamou a mãe do pequenito, abrindo muito os olhos) — dar-se-há o caso...»
 — «Exactamente... — (interrompeu, sorrindo, Paulito) — sou o irmão de Pedro!»
 — «Como éle vai ficar radiante de o ver! Venha comigo; eu acompanho-o lá!... — (murmurou a mulher de Pedro, colocando o filhinho no berço e gritando para dentro de



casa): — Clara, olha pelo menino, enquanto eu vou acompanhar este senhor à Hidráulica.»

— «Sim, Rosinha, vá descansada... — (respondeu, entre portas, uma linda morena de olhos castanhos, rasgados, que aparentava uns dezoito luminosos abris, dezoito maios em flôr, ou dezoito aelúias.) — Ah, mas... desculpem... ia-me esquecendo apresentá-los... Minha irmã... e Paulito... o irmão de Pedro.»

— «Oh! mas que agradável surpresa!... — (murmurou Clara, um pouquinho confusa,) — como o Pedro vai ficar satisfeito!»

A fável, insinuante, sorridente, Paulo, descalçando a luva da mão direita, apertou a mão de Clara que levemente corou, ouvindo, enleada, um galanteio de Paulo: — «Oh, minha senhora, quem me diria que o pequenino altar da minha terra, em seus degraus, albergava tão formosas imagens!»

— «Deixe a sua malinha de mão ao cuidado da Clara; se é que não traz segredos...» insinuou, alegremente, Rosa.

E, dois minutos depois, Paulo e Rosinha caminhavam juntos, sob um sol quasi a pino, por um atalho comprido, entre trigais, papoilas, malmequeres e estrelas do meio-dia. O sol, doirado e quente, o veloz e riscante vôo das andorinhas, rés-vés de Paulo e Rosa, o pipilar dos pardais, o chiar de uma nora perto, o canto dum boieiro ao longe: — «chegô lá, chê-ê-ê-ê... gô-ô-ô-ô-ô!... ó moiriscô-ô-ô-ô!... ô-ô-ô...» o canto dum galo espanejando-se à solta, o canto dos segadores ceifando o trigo, e a voz suavíssima de Rosa, conversando, inundavam de emoção e prazer o coração de Paulo, qual onda espiritual de Poesia e de Sonho.

A medida que ia caminhando, Paulito olhava, surpreendido, a grande transformação por que passara a aldeia durante a sua ausência. Onde, outrora, eram vinhas e hortas viam-se, agora, em grande parte eiras, searas, trigais. Era bem evidente que a principal riqueza da terra consistia, presentemente, na produção de farinhas. Então, Clara explicava: — «Tudo isto se deve principalmente ao Pedro. Foi éle que induziu o tio Anastácio a aproveitar as quedas de água das Catadupas de Prata — (e Clara apontava, com um dedinho espetado, em direcção da fábrica...)

— «Ah, bem me lembro — (interrompeu Pedro) e que bonitas que eram!»

— «Como força motriz — (prossegiu Rosa) e a fundar uma empresa», — (Acrescentando numa voz clara, harmoniosa

e quente e num ar de galhofa: — «Dentro em pouco está milionário! Tem ganho muito dinheiro!»

O atalho desembocava, agora, numa larga estrada, a cuja margem, por estreitos carris, deslisavam algumas vagonetas transportando sacos de farinha.

A meia estrada a fábrica, um barracão enorme de pedra e cal, toda caiada de branco, com duas enormes chaminés e outras três mais pequenas, tendo ao meio uma ampla porta em arco, dando acesso às vagonetas e duas mais pequenas, laterais, uma com um lance de escada para um pequeno escritório, outra para um grande armazem em cujo interior se viam, amontoadas, inúmeras sacas de farinha. Ao alto da fachada, em grandes letras a negro, a palavra-HIDRÁULICA. Dentro, uma confusão de rodas e guindastes, volantes e correias em movimento constante.

Finalmente chegados, um operário, tirando uma boina preta, enfarinhada, cumprimentava Rosa, ao mesmo tempo que lhe respondia: «Deve estar no escritório. Vi-o entrar para lá há coisa de dez minutos.»

Rosa e Paulo subiram. Em cima, no patamar da escada, via-se uma pequena porta fechada, numa divisória de madeira, com um pequeno «guichet» também fechado. Então, Rosa, com um dedinho na boca, impondo silêncio, muito infantilmente, balbuciou: — «Não entre, sem eu dizer! Quero preveni-lo. Depois, dando a volta ao fecho da porta, numa corridinha, tapou, súbitamente, com ambas as mãos, os olhos de Pedro que, de costas para a porta, estava a contar maços de notas a uma secretária.

— «Tu, Rosa, aqui?!» — murmurou Pedro com os olhos vendados, puxando-lhe brandamente as mãos,

— «Até me conheces com os olhos fechados!» murmurou Rosa, esfusante de alegria e dando-lhe um grande beijo.

— «Porque vieste hoje aqui?!»

— «Venho fazer-te uma grande surpresa, uma enorme surpresa! — (E Clara acentuava, fortemente e rindo, cada sílaba que ia proferindo: — «Uma enorme surpresa!»)

— «Dize depressa o que é?!...» interrogou Pedro, já cheio de curiosidade.

— «Adivinha!»

— «Não sei que possa ser!»

E agora, Rosa, numa explosão de alegria gritava para fóra: — «Paulo apareça!» E logo, ante o olhar esgazeadado de Pedro, Paulito surgiu com os braços abertos e uma grande alegria a bailar-lhe nos olhos:



— «Paulito!...» — gritou, de súbito, Pedro, apertando-o com força contra o peito, num longo, amplo e demorado abraço!

Rosinha sorria, comovida, com os olhinhos verdes orvalhados de lágrimas, resumando a mesma frescura das plantas e das árvores, quando, nã Primavera, depois de haver chovido, o sol as ilumina.

—«Finalmente, Paulito!... Cuidei que tinhas morrido!» murmurava Pedro também com os olhos embaciados de pranto.

Paulo desculpava-se, agora, de nunca haver escrito; andara quasi sempre perdido em terras estrangeiras... Percorrera toda a Europa, vagueara em todas as terras, ao Deus-dará da sorte. Vítima da sua vocação: — era palhaço! — tivera grandes dificuldades para se impôr como artista, até que um dia, finalmente, um grande empresário o contratara para se exhibir no maior circo de Espanha. Fora um sucesso. De então para cá a sua carreira estava garantida. Os contratos choviam! Ganhava muito dinheiro. Não tinha tempo para nada... Depois, tentava-o a surpresa de aparecer, um dia, de imprevisto, na sua terra, entre os seus, que nunca havia esquecido.

Pedro, entretanto, num gesto rápido, ligeiramente debruçado a um corrimão, sobre a chusma de operários trabalhando, em baixo, na babilónica confusão das máquinas, volantes e correias em giro, gritava com toda a força dos seus pulmões:

— «Mestre capataz! ... Mande parar as máquinas! Um



segadores e o canto dum galo, inundavam de alegria as corações amigos de Paulo, de Rosa e Pedro, qual onda espiritual de Poesia e de Sonho.

irmão meu que eu julgava morto, acaba de aparecer. Em sinal de regozijo, hoje e amanhã dou feriado na fábrica!»

Súbitamente as máquinas pararam e de todas as bocas em unísono, em côro, saiu uma entusiástica aclamação, entre um vivo agitar de boinas e de braços erguidos:

— «Viva o Patrão Pedro!»

— «E agora vamos para casa...» — exclamou Rosinha, impaciente, enfiando um braço num braço de Pedro e o outro braço num braço de Paulo.

— «Espera um momento, deixa-me guardar este dinheiro e fechar a porta.» — protestou Pedro, sorridente, juntando o gesto às palavras.

Acto contínuo, puzeram-se a caminho. Malmequeres papoilas, leiras e leiras de trigo... Uma poalha de ouro scintilava no espaço ressonante, azul. E, novamente, o sol, doirado e quente, o vôo das andorinhas, rés-vés de Paulo, de Rosa e de Pedro, o pipilar dos pardais, a chiar da nora, o canto do boieiro, o canto dos

CONTINUA NO

PROXIMO

NUMERO

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

I — BARRACA DE FANTOCHES

III — PÁ-TÁ-PÁ

II — CO-CO-RO-CO

IV — LANTERNA MÁGICA

V — O PAPAGAIO AZUL

Note bem:— Todos estes volumes são impressos em magnífico papel e profusamente ilustrados a cores

Preço por volume 5\$00 ESCUDOS. Para assinantes de «O Século» 4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.º

HISTORIA DA CAROCHINHA

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez,
—há talvez
meio século e um dia—
uma certa Carochinha,
a qual vivia
sòzinha
numa formosa casinha.

Como era muito asseada,
e não tinha uma criada,
ela mesmo é que varria,
la arrumando, arrumando,
limpando tudo, limpando,
Vai senão quando...
num dia...

—«... Varre, varre, minha vassourinha.
Abana, abana, meu abanador...»

—la cantando,
cantando,
a tal linda Carochinha,
na sua voz de tenor...—

Mas, de repente,
eis que sente,
entre as tábuas do sobrado,
qualquer coisa — Trim, trim, trim...
—«Ai! O que é isto? Ai de mim!
Algum tesoiro encantado?...»



Vai a ver, com muito jeito,
Tendo o coração, no peito,
Tic-tac... Tac-tic...
E descobre, ai! e descobre,
uma moeda de cobre
muito chic, muito chic...

Mas, para a erguer do chão,
é que fôu um trabalhão!...
Contou às três — só às seis,
é que teve em sua mão,
o tal grande fortunão,
e que era nem mais nem menos,
que uns pequenos
cinco reis!

—«¡ Cinco reis?! Ai que estou rica!
Vou à Carochinha Chica,
mulher do compadre Grilo,
que me venda: laços, fitas,
vestidos, coisas bonitas,
e mais isto e mais aquilo...»

—Tic-tic-tic-tic,
com um grande ar de arrebique,
emquanto a perninha arroja,
Tic-tic-tic-tic,
muito chic, muito chic,
vai direitinha p'rá loja,





Chega lá,
com presunção,
Trus-trus, bate no balcão,
e pergunta: «— Não está cá,
a minha comadre Chica?
Faz favor diz-lhe a correr,
que estou rica, que estou rica,
e que venho aqui dizer
para tudo me vender
a minha comadre Chica.»

— «Muito bem, Dona Carocha,»
diz a baratinha coxa,
que era criada da Chica.
E lá vai, zumba que zumba,
catapumba, catapumba,
com sua perna que embica.

Entretanto, Dona Chica,
— comadre da nova-rica,
mulher do compadre Grilo —
vem vender-lhe: laços, fitas,
vestidos, coisas bonitas,
e mais isto e mais aquilo.

— Tic-tic-tic-tic,
com um grande ar de arrebique,
volta p'ra casa, lampeira;
e, pondo a nova farpela,
vai-se pôr a uma janela,
falando desta maneira.

— «Ai! Quem quer', quem quer' casar,
com a gentil Carochinha,
que é bonita e formosinha?
Ai! Quem quer', quem quer', casar?»

— Entretanto, Mestre Burro,
que ia defronte a passar,
diz num zurro
muito seu:

— «Ai! Quero eu! Quero eu!»

— «Quer você? E eu quero olhá-lo,
mais perto do meu postigo...

— Também quero ouvir o som

da sua voz, meu amigo!
Como fala? Como fala?
Sua voz é que me rala...»
— «Como é que falo?
Omh!... Omh!... Omh!...»

— «Ai! Jesus! Que medo eu tenho!
Apanhei susto tamanho!
Não há ninguém que se afoite!...
Vá-se embora! Vá-se embora!
Não dormiria uma hora
de noite!»

E começa, novamente,
na sua voz estridente:

— «Ai! Quem quer, quem quer casar,
com a gentil Carochinha,
que é bonita e formozinha?
Ai! Quem quer, quem quer casar?»

Nisto, passa Senhor Cão,
com seu modo folião,
que lhe grita num ão-ão
muito seu:

— «Ai! Quero eu! Quero eu!»

— «Quer' você? E eu quero olhá-lo,
mais perto do meu postigo...
Quero ouvir se é vozeirão
sua fala, meu amigo.

Como fala? Como fala?
Sua voz é que me rala!»

— «Como é que falo?
Ão!... Ão!... Ão!...»

— «Ai! Jesus! Que medo eu tenho!
Apanhei susto tamanho!
Não há ninguém que se afoite!
Vá-se embora! Vá-se embora!
Não dormiria uma hora
de noite!»

E começa, novamente,
na sua voz estridente!



—«Ai! Quem quér, quem quer casar,
com a gentil Carochinha,
que é bonita e formozinha?
Ai! Quem quer, quem quer casar?»

Nisto, passa Senhor Rato,
De fatiota e sapato,
— Tic-Tic-Tic-Tic,
muito chic, muito chic —
que ao ouvir a Caróchinha,
Gritando no pôsto seu,
lhe diz na sua vòzinha:
—«Ai! Quero eu! Quero eu!»

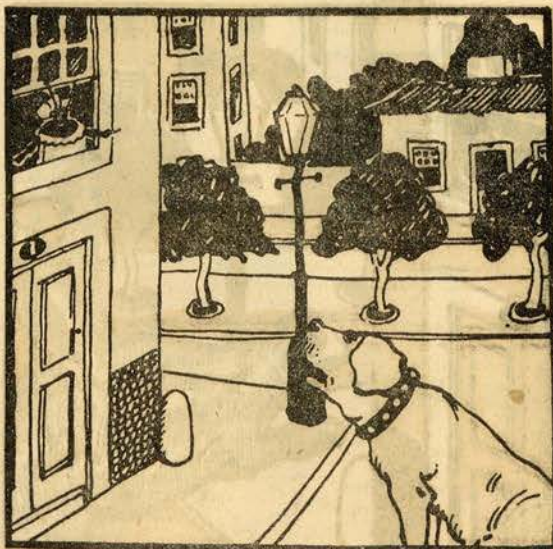
—«Quer você casar comigo?
Chegue aqui ao meu postigo,
sua voz é que me rala...
Diga, diga como fala,
que eu gosto muito de si.»
—«Como é que falo?
Um regalo!...
Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih!...»

—«Ora aqui está
A calhar,
quem me agrade e vá no «bote»...
Vamos já,
já, já, casar,
que eu sou rica e tenho dote...»

Dona Carocha e Ratinho,
vão em doida corridinha,
procurar uma madrinha,
e procurar um padrinho.

— Ilustre Dona Barata,
— Dona Ilustre Centopeia,
— Dona Aranha em sua teia,
— Dona Pulga. — Dona Rata,

— Senhor Dom Rato, doutor,
delegado do país.
— O Pulgo, procurador
— O Percevejo, juiz. —



E todos, todos quizeram,
apadrinhar o enlace.
Mas os noivos preferiram
O que mais prendas levasse,

No dia do casamento,
com grande acompanhamento
de ratinhos muito espertos,
vão os noivos à igreja,
— p'ra que toda a gente os veja —
em carrinhos descobertos.

Caróchinha vai de véu,
— Parece um anjo do céu,
mas lá do «céu carochal»... —
E Dom Rato, em grande arranjo,
até parece um arcanjo
do «paraizo ratal»...

Tic-Tic-Tic-Tic,
de repente, num «chilique»
grita a noiva, em aparato:
—«Ai! que uma luva ficou
lá em casa!...»
—«Eu já lá vou.»
grita, em seguida Dom Rato.

E lá vai, muito lampeiro,
com fato casamenteiro,
p'ra que toda a gente o fite.
Entra em casa — catrapuz!
fecha a porta... e — ai, Jesus!...!
Que cheirinho!... Que apetite...

Mas que encanto! Que beleza!
Aquilo era, com certeza,
do caldeirão do jantar!...
—«Ai! que guloso que eu sou!...»
Ai! Eu vou! Ai, mas eu vou
só provar... só petiscar...»

Tic-Tic — na cosinha,
Toda muito arrumadinha,
entra o noivo Dom Ratinho...
—«Ai! Lá vejo o caldeirão!...»
Ai! Que grande petiscão!...
... Isto é só um momentinho...»

Tira as luvas, com cuidado,
Põe a cartola de lado,
e saltando p'rá lareira,
Tira o têsto ao caldeirão,
e mete lá dentro a mão,
... mas duma certa maneira...»

—«Ih! Ih! Ih! Que belo assado!
Ih! Ih! Ih! Que bom guisado!
Ih! Ih! Ih! Que belo prato!»
E metendo a outra mão,
e um pé e outro — ai então
caíu lá dentro Dom Rato!...»

—«Ih! Ih! Ih! Que me queimei!
Ih! Ih! Ih! Que me sujei!
Quem me vem tirar d'aquí?
Ih! Ih! Ih! Que morro assado!
Ih! Ih! Ih! 'Stou desgraçado!
Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih!»



Entretanto, Caróchinha,
o padrinho e a madrinha,
já cansados de esperar,
resolvem ir à procura,
da tal
ratal
criatura,
que não tornou a voltar!

Chegam a casa, procuram,
Gritam, mexem, abrem, furam,
mas não encontram Dom Rato!
Põe-se Carocha, coitada,
a gritar em desacato:
— «Ai, Jesus! Por uma luva,
nem donzela, nem casada,
nem solteira, nem viúva!...»

Mas, de repente, chegando,
à cosinha, eis senão quando,
olhando
pr'ó caldeirão,
grita a Carocha, de véu:
— «Ai! Já sei onde morreu
o desgraçado Ratão!...»

— Tic-Tic — Toda em pranto,
atira p'r'ó lado o manto,
espreitando o caldeirão;
e vê, no fundo, estendido,
deitado todo ao comprido,
o pobre Rato-Ratão!...

— «Venham todos! Venham todos!
Cáiam lágrimas a rôdos!
Carocha não tem conforto!
Eis aqui o meu Ratão
no fundo do caldeirão,
menos vivo do que morto!...»

E começa tudo em côro,
em grande e sentido choro,
numa ratal compaixão:

— «Ai! Pobre Rato-Ratão!
Nem solteiro nem casado,

que morreu frito e assado,
no fundo dum caldeirão!...
¡Ai! Pobre Rato-Ratão!!!...»

— Meninos: não vão mexer
nos cosinhados! Não vão!
... Sigam o conselho meu!...
... Que lhes pode acontecer,
caíndo no caldeirão,
morrerem como morreu,
o pobre Rato-Ratão!

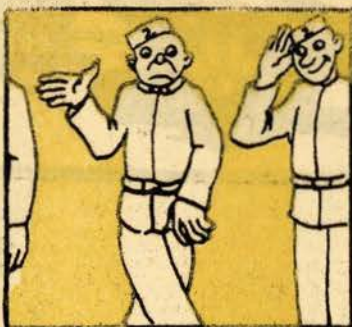
F I M



Palonço Recruta



Palonço, Lorpa Matias
Que é natural de Midões,
Sentou praça, há cinco dias,
Em Infantaria 2.



Sem jeito para soldado,
Mas homem sério, sem vícios,
Vê-se muito atrapalhado
Ao fazer os exercícios.



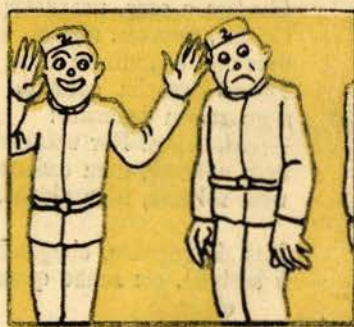
Quando em alto vozeirão:
— «Marchar, esquerda...volver!...»
— (Lhe grita o seu capitão.) —
Fica-se todo a tremer.



E, sem nenhuma experiência,
Cada vez mais se atrapalha;
Pois ao fazer continência,
As mãos confunde e baralha.



Nisto um recruta a seu lado,
Com cara de muito sonso,
Vendo tão atrapalhado
O seu amigo Palonço,



Resolveu fazer, então,
Continência pelos dois;
Encostando a outra mão
A' testa do de Midões.



Então Palonço: — «Ora esta!»
Logo murmura: — «ó diacho!...»
Ao sentir a mão na testa
E as outras duas em baixo!

E, com voz angustiada,
Palonço murmura então:
— «No meio desta embrulhada
Nasceu-me mais outra mão!»

